

O QUE É, OU QUEM FOI SINCLAIR DAS ILHAS?

MARLYSE MEYER

Para José Mindlin. Para Isabel.

« (...) o pai (...) se estendera na
canapé, para reler o velho
Saint-Clair das Ilhas (...) »

Quincas Borba

Entre os pequenos enigmas propostos pela história da literatura brasileira existe um cuja solução, a julgar pela pergunta que me foi feita e dá título a este artigo, continua a ser aquela aventada por Astrogildo Pereira, ao completar uma pesquisa de Raimundo Magalhães Jr.: "Em seu livro *Ao redor de Machado de Assis* inclui R. Magalhães Jr. dois capítulos que me interessam particularmente (...). Um deles relaciona-se com os livros que os personagens de Machado de Assis liam. Entre tais livros há um romance, *Saint-Clair das Ilhas*, muitas e muitas vezes citado em contos e romances, mas sem mencionar-se nunca o nome do autor. R. Magalhães Jr. pôs-se à cata do desconhecido, e só depois de muita infrutífera busca conseguiu localizar um anúncio no *Diário do Rio de Janeiro* em 1854, em que aparecem título e autor do então lidíssimo romance: "*Saint-Clair das Ilhas, ou, Os desterrados na Ilha da Barra*, por Madame Mantolieu, traduzido do francês por A. V. de C. e Souza, edição da casa Garnier, em 3 vols.". Pois agora, depois de lido o livro de R. Magalhães Jr., por acaso encontrei as indicações que tamanho trabalho lhe deram. Aqui estão, num velho *Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense* (Thevenet, 1866) sob o n.º 2.603: "*Saint-Clair das Ilhas ou Os desterrados na Ilha de Barra*. Traduzido do francês de Madame de Montolieu, por A. V. C. e Souza, Lisboa, 1835, 3v. in-8.º". E aí está mais um detalhe: a edição Garnier

que Magalhães Jr. viu no anúncio do *Diário do Rio de Janeiro* seria de fato reedição feita muitos anos depois da edição portuguesa de 1835. Duas pequenas diferenças existem entre o anúncio do jornal de 1854 e o catálogo de 1866: Ilha da Barra e Mantolieu (...). Pequenos dados de mínima importância, prováveis erros de revisão num e noutro caso; mas são esses nada insignificantes que muitas vezes levam o pesquisador a grandes descobertas. Pelo menos como excelente exercício de paciência, sem o qual não pode haver pesquisa, nem pequena, nem grande." (1).

O fato de tornar a colocar a questão "Sinclair", como pretendo fazê-lo, deve certamente parecer — principalmente aos leitores familiarizados com a crítica moderna — um desses "nadas insignificantes": curiosidade de bibliófilo maníaco, bisonhice de historiador de velho estilo enroscado na interminável talagarça das questiúnculas literárias. Penso, todavia, que o problema adquire outro sentido quando recolocado — é precisamente o que fizeram os críticos acima citados — num contexto amplo. No caso, relacionar uma novela misteriosa, cujo próprio mistério parece sinal de dúbio valor literário, e a obra, indiscutível, de um romancista consagrado como Machado de Assis.

Exaustivo e sistemático levantamento permitiu a Raimundo Magalhães Jr. mostrar que em grande quantidade de contos e romances de Machado, praticamente o único livro lido por seus personagens é o *Sinclair das Ilhas*. O que prova, diz o crítico, "evidente sinal da popularidade do velho romance na época de Machado mesmo (...) [embora] hoje não seja encontrado exemplar nenhum dessa obra que tanto deleitou nossas avós" (2). E não foram só avós, a julgar por um trecho significativo de *Quincas Borba*, igualmente citado por Raimundo Magalhães Jr. O que este, a meu ver, não destaca suficientemente é a função que desempenha, no trecho transcrito, o ato da leitura do "velho romance" numa obra de tal importância; o episódio ocupa praticamente todo um capítulo (CXXXII), que é o capítulo da dupla frustração: a do major Siqueira e a de Dona Tonica, a filha, quando ambos se convencem de que não voltarão a ser convidados pela bela Sofia. Ler, ou melhor, reler o "Sinclair" reveste-se nessa altura para o desconsolado velho de uma significação precisa: projetar suas mágoas reais nas do herói imaginário, o que lhe permite também identificar-se com as esperanças, quando as há. A ficção traz as compensações que a vida — e o dinheiro novinho do Palha — lhe negaram: "Dona Tonica (...) foi ao pai, que se estendera no canapé para reler o velho *Saint-Clair das Ilhas, ou Os desterrados da Ilha da Barra*. Foi o primeiro romance que conheceu; o exemplar tinha mais de vinte anos; era toda a biblioteca do pai e da filha. Siqueira abriu o primeiro volume e deitou os olhos ao começo do capítulo II que já trazia de cor. Achava-lhe agora um sabor

(1) ASTROGILDO PEREIRA, *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958, capítulo «Saint-Clair das Ilhas», pp. 242-43.

(2) R. MAGALHAES JR., *Ao redor de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1958, capítulo «O que chamam os personagens de Machado de Assis», pp. 143-152.

particular, por motivos de seus recentes desgostos: "Enchei bem vossos copos, exclamou Saint-Clair, e bebamos de uma vez; eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo dos seus opressores. Todos acompanharam Saint-Clair, e foi de roda a saúde". (3).

Mas não se limita à obra de Machado a referência ao "velho romance". Ocorre outra, e que não é de desdenhar: o major Siqueira tem um êmulo na pessoa de Riobaldo. Com efeito, o *Sencler das Ilhas* também foi o "primeiro de romance" que leu o narrador de *Grande Sertão: Veredas*: "(...) Aí chegamos no Currais-do-Padre. O lugar que não tinha curral nenhum, nem padre: só o buritizal, com um morador (...) o dono do sítio que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado de couro, que se chamava o *Sencler das Ilhas* e que pedi para deletar nos meus descansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades muito extraordinárias." (4).

Pude interrogar o autor a respeito. Perguntei-lhe quem era o misterioso personagem e que impacto lhe tinha causado a leitura do livro que tanto impressionara Riobaldo. Guimarães Rosa não se lembrava. O que ele queria, disse-me, era fazer um livro sobre o sertão. E o que trazia como certo da infância era a lembrança, em todas as fazendas do Centro e Centro Norte de Minas por onde andara, — onde, aliás, muita gente se chamava Sinclair — (5), de um livro encadernado em couro, o que para aquela gente era sinal de muito respeito e muito manuseio, que era o *Sencler das Ilhas*. "Tenho quase como certo que, quando romance havia, este era o *Sencler*. O *Carlos Magno*, a gente contava de cor. Vinha às vezes encadernado com outro livro, imprescindível, o Chernoviz, que existia sempre. Nas casas mais cultas havia um terceiro livro, a mãe-livro, o dicionário; este, vinha trancado na gaveta." Lembrava-se de ter lido o *Sinclair* quando menino, mas só guardava recordações vagas, nunca mais o releu, não o tendo reencontrado; ao passo que releu, adulto, o *Carlos Magno* em prosa. O *Sinclair* misturava-se na memória com o *Kidnapped* de Robert Louis Stevenson.

Quando, mais tarde, acabei lendo o famoso *Sinclair* e, obviamente, *Kidnapped*, compreendi a confusão que podia ter-se operado em Guimarães Rosa; são várias as semelhanças de enredo, de situações e cenário nos dois livros. Com uma fundamental diferença: Stevenson, mais moderno, é realmente autor de *novel* e não de *romance* — para retomar a útil distinção criada pelos ingleses (6) —; um "romancista" com alto grau de consciência

(3) *Quincas Borba*, in MACHADO DE ASSIS — *Obra Completa*, volume I, Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1959, p. 673.

(4) *Grande Sertão: Veredas*, 4.ª edição, p. 286.

(5) Lembremos o Seo Sencler da «Estória de Lélío e Lina» em *Corpo de Balle*.

(6) CLARA REEVE, *Progress of Romance*, Londres, 1785. WELLECK e WARREN, *Teoria da Literatura*, Lisboa, p. 272.

narrativa (7). E fica a tentação de imaginar que a leitura de *Kidnapped* possa ter impressionado o autor de *Grande Sertão: Veredas*, tanto como a do *Sinclair* marcou o seu narrador.

Mas ainda havia o testemunho, — não mais de personagens de ficção — de um romancista em carne e osso, e mais, de um pai fundador do romance brasileiro:

" (...) Era eu quem lia (...) não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo (...). Não havendo visitas de cerimônia, sentava-se minha boa mãe e sua irmã D. Florinda com os amigos que apareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro (...). Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra (...). Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção? (...) Nosso repertório romântico era pequeno: acompanhava-se de uma dúzia de obras, entre as quais primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outros de que já não me recordo. Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária (...)" (8).

Há de se convir que o *Sinclair* propunha um enigma que pedia para ser decifrado. Não direi, todavia, que me lançara a campo unicamente para matar a charada. Esta se colocou em dado momento de uma pesquisa que visava, de início, a outro objetivo.

Propunha-me estudar o problema das origens do romance brasileiro. Ou melhor: considerando a data precisa de seu nascimento (9), e a ausência de tradição contínua e de modelo português do gênero (10), interrogué-me sobre

(7) Note-se que o conhecido historiador da literatura inglesa e francesa, G. Saintsbury, que levou em conta a novelística do tipo *Sinclair*, nos seus compêndios diz tê-los descoberto e lido em companhia de R. L. Stevenson que se interessou muito por esse tipo de ficção. SAINTSBURY, *A history of the French novel*, p. 159.

(8) José de Alencar, «Como e porque sou romancista», in JOSÉ DE ALENCAR — *Obra Completa*, volume I, Editora José Aguilar, Rio de Janeiro, 1959, pp. 131-134.

(9) «(...) As origens do romance brasileiro datam (...) do início do romantismo no Brasil, precisamente de 1839 (...). Os iniciadores-precursores foram João Manuel Pereira da Silva (*O aniversário de D. Miguel*, em 1828 e *Religião, Amor e Pátria*, com indicação 'romance histórico', em 1839); Justiniano José da Rocha (*Os assassinos misteriosos*, 1839); Joaquim Norberto (*As duas órfãs*, 1841) (...) sendo que os iniciadores definitivos (...) foram Teixeira e Souza (a partir de 1843) e Joaquim Manuel de Macedo (*A Moreninha*, 1844)». In J. A. CASTELLO, *Aspectos do romance brasileiro*, MEC, Rio de Janeiro (sem data), pp. 18-19.

(10) Note-se que a tão falada influência de Garret e Herculano nos iniciadores (canhestros embora) do gênero histórico no Brasil não se coaduna com as datas de publicação. *O Arco de Sant'Ana*, embora iniciado em 1832, só foi terminado e publicado em 1845 (o 1.º volume) e em 1850 (o 2.º). Quanto aos romances de Herculano, *O bobo*, *Eurico o Presbítero* e *o Monge de Cister*, publicados inicialmente no *Panorama*, o foram respectivamente em 1843, 1844 e 1848. O mesmo *Panorama* publicara, outrossim, novelas e contos que serão ulteriormente reunidos em *Lendas e Narrativas* em 1839 (*A abóbada* e *O Bispo negro*).

a leitura de ficção estrangeira no Brasil, nas vésperas da criação do romance nacional.

Muito ambicioso, meu plano inicial visava, a partir de um cotejo de textos e processos narrativos, a analisar o eventual papel formador dessas leituras na elaboração de nossa ficção em prosa. Não eram, no entanto, os grandes modelos "cultos" (W. Scott, Hugo, Balzac) que me interessavam. Motivada talvez por inconfessável gosto pelos *Mistérios de Paris*, *Rocamboles*, *Les habits noirs* e quejandos, pretendia essencialmente verificar a asserção segundo a qual o folhetim romântico francês tivera função preponderante na gênese do nosso romance (11). Como os compêndios de história literária desprezavam por completo essa linha romanesca e como, a par de ter lido algumas obras, eu tudo ignorava sobre o gênero, havia de iniciar o trabalho informando-me sobre o folhetim em seu país de origem e confirmar, em seguida, sua presença no Brasil para, numa etapa ulterior, analisar sua possível influência.

Considerando, porém, que colocava a questão das leituras estrangeiras, não era possível deixar de acatar o testemunho fundamental de José de Alencar. Assim, ao iniciar a pesquisa encarava, implicitamente, as três novelas conservadas na memória do já consagrado autor de *Como e porque* (...) como possíveis paradigmas de um gênero de ficção corrente no Brasil pelos idos de 1840, época em que se situam, aproximadamente, os serões evocados pelo escritor. Uma hipótese, todavia, não excluía a outra, pois, em que medida aquelas novelas não se confundiam, precisamente, com o folhetim? Este, pelo que dizia o artigo acima referido (12), teria penetrado no Brasil em 1836. Era uma possibilidade, a qual, no entanto, minha ignorância na matéria e o silêncio dos manuais de literatura não me permitiam avaliar *a priori*.

A primeira jornada consistiu em desbravar jornais e catálogos brasileiros anteriores a 1840 (década que viu desabrochar e florescer o romance brasileiro, com a data-marco de *A Moreninha*, 1844). Paralelamente fui lendo as obras dos viajantes e de memorialistas ou cronistas que permitissem avaliar a situação da leitura recreativa no Brasil de então; outra fonte foram os próprios romances, que continham, às vezes, informações interessantes sobre o "tempo do rei".

No que tange aos jornais e catálogos tive, salvo raras exceções, que limitar-me a pesquisar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — cuja documentação, fartíssima, estou longe de ter esgotado — e ater-me aos jornais do Rio. Contudo, a representatividade da Corte na vida brasileira, e o fato de ter verificado coincidências com o que sucedia nas principais cidades do tempo, permite, creio, generalizar para o conjunto do país "culto" as observações

(11) «(...) a influência estrangeira na formação do romance brasileiro se manifesta, principalmente, por intermédio do folhetim (...) etc.». In *A literatura no Brasil*, dir. de A. Coutinho, Vol. I, T. 2, Editorial Sul Americana, Rio de Janeiro (1956), pp. 921-923.

(12) Ver nota 11.

feitas a partir do Rio de Janeiro. Cronologicamente a pesquisa partia do início da imprensa, que coincide, como se sabe, com o da tipografia, o que nos levou a acurado exame da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), o jornal oficial, intitulado depois da Independência *Diário do Governo*, e, a partir de sua criação (1821), do precioso *Diário do Rio de Janeiro*, que publicava só anúncios e, por isso, foi apelidado de "diário do vintém ou da manteiga"; um erudito de hoje prefere, com razão, chamá-lo "diário da civilização do Rio", tal a soma de informações que dá sobre o desenvolvimento progressivo da Corte (13). A partir de 1827, ano da fundação do *Jornal do Comércio* pelo Francês Pierre Plancher, concentrei as buscas sistemáticas nesse jornal, com sondagens mais ligeiras nos demais (essencialmente, o mesmo *Diário do Rio de Janeiro*, que se foi transformando, e o *Correio Mercantil*, 1830-1836); os outros são, em geral, posteriores à data limite que me propusera. Justificava-se a limitação ao *Jornal do Comércio* pela sua importância não só na Corte como nas províncias, capitais ou cidades do interior. Por outro lado, além de ser o único a abranger todo o período previsto, sua publicação regular constituía uma vantagem em pesquisa deste tipo; seu desenvolvimento, mudanças de formato e de distribuição de matéria — como o lugar que nesta ia tomando a novela — eram outros motivos que me fizeram dar primazia ao *Jornal do Comércio*. Consultei igualmente periódicos com rubricas ou mesmo pretensões literárias, sem esquecer as séries do *Simplício* e aqueles em língua francesa. Diga-se de passagem que esta investigação mostrava que a ficção nacional já se vinha manifestando pela imprensa em data anterior àquela considerada como ponto de partida (1839). Um periódico como *O Gabinete de Leitura* (1837-38, saindo aos domingos) publica vários contos e novelas, anônimos ou assinados, sendo vários pelo indefectível Pereira da Silva. Este é também o autor de um dos *Estudos morais* publicados pelo *Museu Universal* (1837-44, semanário editado por Villeneuve e Cia.), "a novella brasileira, *Amor, ciúme, vingança*" (1838). Note-se que já em 1830 a revista *O Beija-Flor* publicava "*Olaya e Julio; ou, O periquito*, novela nacional" (traduzida para o francês na *Revue Française*, em 1839), injustamente qualificada, a meu ver, de "pífia novela nacional" (14). A par da anterioridade, esse pequeno romance, que julgo poder ser atribuído ao terceiro irmão Taunay, Carlos (15), é provavelmente a primeira ficção regionalista, ou melhor, nordestina; inteiramente construído em função de uma grande seca, seu entrecho sentimental não impede agudo senso de observação da realidade local.

Mas voltemos aos anúncios: a caça à novela atingia concomitantemente um duplo alvo. Permitia com efeito assistir à progressiva penetração de lojas e livreiros onde eram vendidos. Se, de início, o anunciante é a própria "loja

(13) MARCELO DE IPANEMA, «O Rio de Janeiro do Primeiro Reinado», in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, vol. 276, julho-setembro de 1967, p. 98.

(14) HÉLIO VIANA, *Contribuição à história da imprensa brasileira*, Rio de Janeiro, 1946, p. 117.

(15) Cf. MARLYSE MEYER, «Uma novela brasileira de 1830», in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.º 2, 1967.

da Gazeta" (o que continua a ser o caso, à medida em que se vão criando jornais), a partir de 1812 já há outra loja a fazer-lhe concorrência na venda de livros. Progressão muito reveladora da mudança na cidade. Leilões — cujos catálogos infelizmente não se encontraram — e particulares concorrerem igualmente para a venda e circulação dos livros. Um *Aviso* de 30 de junho de 1810 anuncia a venda na "loja da Gazeta", entre outras obras "em francês, inglês e português", de *Aventuras de Gil-Blas e Telêmaco* em qualquer dos idiomas mencionados. Entre 1810 e 1812 vai-se ampliando lentamente o acervo, que inclui obras familiares; às citadas, acrescentam-se *Paulo e Virgínia*, *O diabo coxo*, *A choupana índia* e, muitas vezes repetido, *Cartas de Abelardo e Heloísa*. Em 1815 há nítido aumento e, a partir de 1816, pode-se falar em exposição de "novellas", sejam "acabadas de sair à luz", sejam "vindas proximamente de Lisboa"; são "novellas de grande merecimento", algumas "mui galantes e divertidas"; outras "que pelo seu bonito enredo tem tido geral aceitação em todas as línguas", ou ainda, para utilizar o refrão que se encontra pela primeira vez em 1818: "moderníssimas e mui divertidas novelas todas traduzidas do Francês". A partir de 1819 (16) não se anunciam unicamente obras, mas também catálogos; a "loja da Gazeta" apregoa um título e acrescenta "(...) cuja novella no fim tem um acrescimo de hum catalogo de algumas novellas que se vendem na mesma loja", ao passo que "na loja de J. G. Guimarães ha muitas novellas e historias das quaes se pode ver o catalogo". Quando, a partir de 1821, a pesquisa se estende ao então fundado *Diário do Rio de Janeiro*, a "modernissima novella" estrangeira parece estar, no Brasil, definitivamente em casa (17). As listas, quotidianas, aumentam tanto em diversidade de títulos quanto em anunciantes. Entre estes figura igualmente a "botica do Diário". Já em 1821 são oito as lojas que vendem livros, contra duas em 1819, na "Gazeta".

E, à medida que crescem as listas, diminui a informação sobre os títulos anunciados. Há ainda vários títulos familiares, de autores conhecidos, mas, na maioria, impossíveis de identificar pelas fontes correntes. Anônimos quase todos. "Histórias" várias, sicilianas, inglesas, turcas, napolitanas, de ilustres aventureiros ou misteriosos desconhecidos. Virtudes e desgraças mil. Esposos que não o eram, órfãos perdidos ou abandonados, Joaninhas e Susaninhas, condessas, Anas de ..., salteadores, cavernas, subterrâneos, ruínas, capelas, permitiam evocar o famoso romance "negro" inglês; era sempre uma pista, apesar do inevitável "traduzido do francez para o vulgar". E muitíssimos

(16) Note-se que em 1819 saem dois anúncios de «Atala (...) composta em francez pelo afamado Chateaubriand e traduzido em portuguez». Seria o *Atala* traduzido nesse mesmo ano na Bahia, na oficina de Silva Serva?

(17) Confirmava-se assim a afirmação de J. A. Castello: «somos de opinião que o género realmente se manifesta entre nós a partir do romantismo no Brasil (...) é preciso considerar a difusão em traduções livres (...) feitas quase que a partir da instituição da tipografia no Brasil, na época de D. João VI (...)». In *Aspectos do romance brasileiro*, p. 134. É interessante registrar — ilustrando o gosto geral pela ficção — a observação colhida na *Idade de Ouro do Brasil* (Bahia), n.º 78, 1818, onde se comenta a feira de livros de Leipzig: «não se vendeo na feira um só livro scientifico e que só se vendiam almanaques e novelas».

títulos recorrentes, em edições várias. Entre esses, lá estavam, algumas vezes até emparelhados: *Sinclair das Ilhas, Amanda e Oscar e Celestina, ou Os esposos sem o serem* (18).

Os diversos catálogos antigos conservados na Biblioteca Nacional — que compreendem não só os de bibliotecas locais, em diferentes edições, como muitos da Província — confirmavam o gosto pelo romance de que as listas de jornais pareciam ser um sinal: é muito grande a parte da novelística nos acervos, constituindo rubrica diferenciada da “literatura”. Sendo eles da década de 50 em diante, já registram todos os grandes nomes do romance romântico estrangeiro; a parte consagrada aos mais célebres folhetinistas, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Montepin, é enorme, com repetidas traduções do Rio até Belém do Pará; outro campeão popular, a julgar pelo número enorme de volumes no original e em traduções portuguesas ou brasileiras, é Paulo (sic) de Kock. Mas lá estão também, em grande número de edições e versões, com registro do número de exemplares, cuja variação pode ser indicio de maior procura, todos aqueles títulos misteriosos a que vimos nos referindo e que ocupam as listas e anúncios de jornais. E, entre eles, recorrentes sempre, os três romances que vimos citando tão cansativamente.

Confirmava-se, pois, a presença avultada de novelas européias no Brasil numa época anterior à constituição do gênero entre nós (a data relativamente tardia dos catálogos consultados deve-se à sistematização ulterior de acervos bem anteriores). Uma vez feito esse levantamento havia que identificar e ler alguns desses livros. Isto, no Brasil, por absurdo que pareça, se revelava difícil. Ou já não existiam (as fichas do Gabinete Português de Leitura mencionam entre os motivos não só o extravio como o desgaste dos livros, impressos em geral em papel-jornal, e que acabavam puídos de tanto manuseio) ou, quando eram encontrados, as traduções, além de bastante mal feitas, o que não impedia o conhecimento do tema dos mesmos, nada traziam que permitisse identificá-los ou situá-los. A única informação sistemática, como já vimos dizendo, é a menção “traduzido do francês”. A segunda jornada deveria, pois, efetuar-se na fonte, no caso, a Bibliothèque Nationale de Paris.

Uma vez lá, mantinha sempre meu primeiro objetivo: estudar o folhetim. Continuava a interrogar-me sobre a possível relação entre este e aquela “biblioteca romântica” evocada por Alencar e que tinha encontrado tão fartamente representada no Brasil.

A Bibliothèque Nationale haveria, obviamente, de satisfazer amplamente minha curiosidade. O difícil foi resistir ao mundo fantástico do folhetim romântico francês e ao sem número de perguntas que se podiam colocar a

(18) Este último foi o que encontrei primeiro: em 1816, na «loja da Gazeta»; na *Idade de Ouro*, em 1818. Ao passo que Gonçalves Rodrigues só registra uma segunda edição de 1820.

respeito, às quais não ofereciam respostas completas nem o autor da *Sagrada Família*, nem as magistrais análises de Louis Chevalier em seu livro admirável *Classes labourieuses et classes dangereuses* (Paris, 1958), nem a pertinaz teoria das "estruturas consoladoras" de Umberto Eco (19). Consignemos algumas informações úteis para prosseguirmos na viagem planejada. A par da consulta de algumas e poucas obras gerais, entre as quais o livro pioneiro de Nora Atkinson (20), o que a pesquisa permitiu essencialmente foi acompanhar a leitura do folhetim no seu "habitat" próprio, o jornal. Ambos estão estreitamente vinculados: inventado pelo jornal, e para o jornal, o *feuilleton-roman*, como era chamado a princípio, acabou sendo fator condicionante da vida do mesmo. Nasceu na França, na década de 1830, concebido por Emile de Girardin (21), que percebeu, na época de consolidação da burguesia, o interesse em democratizar o jornal, a chamada *grande presse*, e não mais privilegiar só os que podiam pagar altas assinaturas. Para aumentar o público leitor, havia, pois, que barateá-lo — o que se conseguiu também mediante a utilização da publicidade, de origem inglesa — e arejar-lhe a matéria, tornando-o mais acessível. Havia já, desde o começo do século, o *feuilleton*, ou rodapé, tradicionalmente de tom e assunto mais leves que o resto do jornal, muito cerceado pela censura. Podia ser dramático, crítico, tornando-se cada vez mais recreativo. O folhetim vai ser completado com a rubrica "variedade", que é a cunha por onde vai penetrando a ficção, contos e novelas curtas. O passo decisivo é dado quando Girardin, utilizando o que já vinha sendo feito para os periódicos, decide publicar ficção em pedaços. Está criado o mágico chamariz "continua num/no próximo número" e o *feuilleton-roman*. O *Lazarillo de Tormes* foi o primeiro a receber esse tratamento em 1836 e, logo no fim do mesmo ano, Girardin encomenda expressamente a um autor, Balzac, uma novela para sair em série, *La Vieille Fille*. Nota-se, pois, que na origem, e assim vai ser pelo Romantismo afora (época em que o romance é gênero literário dominante), o romance-folhetim é essencialmente uma nova concepção de lançamento de ficção, qualquer que seja seu autor e o campo que abrange.

É óbvio que as próprias condições de publicação devem ter influenciado na estrutura narrativa. E não só num sentido negativo, como se queixaram críticos "apocalípticos" (22), dos quais Sainte Beuve foi o líder, e alguns autores. É um estudo que, creio, ainda está por ser feito para o romance francês "culto".

(19) UMBERTO ECO, «Rétorique et Idéologie dans les Mystères de Paris de Eugène Sue», in *Revue Internationale de Sociologie*, Paris, vol. XIX, n.º 4, 1967, pp. 591-609.

(20) NORA ATKINSON, *Eugène Sue et le roman feuilleton*, Paris, 1929.

(21) Girardin expôs suas idéias no jornal que dirigia *Journal des Connaissances Utiles*, antes de lançar, em julho de 1836, *La Presse*, imediatamente copiado por um rival. G. também fora o criador de célebre periódico *Le Voleur* que, como o nome indica, vivia de pilhagem de artigos de outros jornais, segundo fórmula bastante seguida no Brasil.

(22) Expressão criada por Umberto Eco. Cf. *Apocalittici e Integrati*, 1965.

Por outro lado, justamente para atingir esse público mais amplo que fora a viga mestra da publicação em série, esta vai acabar suscitando uma forma novelesca específica, aquela precisamente com que o termo folhetim vai acabar confundindo-se; a almejada adequação ao grande público, a necessidade do corte sistemático num momento que permitisse deixar a atenção em "suspense" levam não só a novas concepções de estrutura (por exemplo, o problema dos fins de capítulo ou de série, a distribuição da matéria seguindo aquele esquema iterativo tão bem evidenciado por Eco) como a uma simplificação na caracterização das personagens, muito romântica na sua distribuição maniqueísta, assim como a uma série de outros cacoetes estilísticos (23). Verifica-se, além disso, genial adaptação à técnica do "suspense" e ao rápido e amplo ritmo folhetinesco dos grandes temas românticos; o herói vingador ou purificador, a jovem deflorada e pura, os terríveis homens do mal, os grandes mitos modernos da cidade devoradora, a história e as estórias fabulosas, etc. Adquire o *roman-feuilleton* sua forma definitiva na década de 1840, sendo Eugène Sue e Alexandre Dumas seus artífices máximos. (Note-se que só no ano de 1844 saíram: *Os três mosqueteiros*, *O judeu errante* e *O Conde de Monte Cristo*, podendo-se incluir na lista *Splendeurs et misères des courtisanes*, visto ter sido Balzac tão vilipendiado quando seus colegas pela crítica oficial esbravejante contra a "literatura industrial"). Tempestuosa torrente a derramar-se pelos jornais, provocando entre eles brigas de morte, o folhetim passa por vicissitudes diversas mas vai século afora ocupando um lugar preponderante no jornal que, tal aprendiz de feiticeiro, o tinha inventado. E se hoje só se conservam alguns nomes e alguns títulos, foram numerosíssimos os produtores e os produtos folhetinescos, dimensionados pelo próprio apetite voraz dos consumidores.

Vamos observar, sempre guardadas as devidas proporções, fenômeno análogo no lado brasileiro. Nota-se no jornalismo brasileiro o que se pode chamar imitação servil do modelo francês. Pode-se muito bem acompanhar o desenvolvimento dessa tendência no *Jornal do Comércio*. E as relações que Ville-

(23) Veja-se, entre outros, os estudos de: ANDRÉ MOUFFLET, «Le style du roman-feuilleton», Paris, in *Mercure de France*, 1.º de fevereiro, 1931. (Este artigo foi utilizado por Gramsci nas suas análises de romance popular, in *Letteratura e Vita nazionale*, Einaudi, 1950, pp. 120-121); JEAN-LOUIS BORY (que fez, por outro lado, excelente livro sobre Eugène Sue, em *Tout feu, tout flamme*, no artigo intitulado «Courte promenade autour d'un monstre: premiers éléments pour une esthétique du roman-feuilleton», Paris, 1966, pp. 13 a 41. Veja-se esta definição caricatural feita na época: «Vous prenez, monsieur, par exemple, une jeune femme, malheureuse et persécutée. Vous lui adjolnez un tyran sanguinaire et brutal, un page sensible et vertueux, un confident sournois et perfide. Quando vous tenez en main tous ces personnages, vous les mêlez ensemble, vivement, en six, huit, dix feuilletons; et vous servez chaud... C'est surtout dans la coupe, monsieur, que le vrai feuilletoniste se retrouve. Il faut que chaque numéro tombe bien, qu'il tienne au suivant par une espèce de cordon ombilical, qu'il appelle, qu'il donne le désir, l'impatience de lire la suite. Vous parlez d'art, tout à l'heure; l'art le voilà. C'est l'art de se faire désirer, de se faire attendre... Et si, dans un cas donné, vous pouvez mettre ce lecteur à cheval sur un renouvellement d'abonnés, en plaçant les retardataires sur la menace d'ignorer ce que devient le héros favori, vous aurez réallisé le plus beau succès d'art...» (LOUIS REYBAUD, *Jérôme Paturôt à la recherche d'une position sociale*, Paris, 1842, pp. 76-77).

neuve (24) certamente conservou na França — com o próprio Plancher, que para lá regressara em 1834 — devem explicar a quase concomitância de lançamento do folhetim traduzido do francês, a partir do instante em que este aporta ao Brasil (25).

Uma nota de rodapé do *Jornal do Comércio* de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo de “linda novella, *O Capitão Paulo*, novella por Alexandre Dumas, traduzida por J. C. Muzzi”. A publicação se estende entre 31 de outubro e 27 de novembro. Está aberto o rodapé ao *feuilleton-roman*. Após curto intervalo este começa a jorrar descontinuadamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J. J. da Rocha, Paula Brito e outros. A invasão maciça do folhetim traduzido do francês, que vai estender-se por anos a fio, nem por isso elimina o calouro romance nacional: ambos vão coexistindo em regime de alternância. O que não falta é a novela no diário. Exemplo seguido por todo novo jornal da capital e, pelo que vi rapidamente, da província.

Note-se ainda, no que se refere ao *Capitão Paulo*, que sua publicação é bem exemplo daquela concomitância a que me referi. É a primeira produção propriamente folhetinesca de Alexandre Dumas já, então, calejado ficcionista. Sai no *Siècle* em meados de 1838. Logo depois é publicado, no original no jornal francês do Rio *L'écho de Paris*, publicação essa muito alardeada no *Jornal do Comércio* (diga-se que a direção dos dois jornais é a mesma ...), que empreende a tradução portuguesa quando ainda ia a meio a série francesa. Tudo isto num intervalo mínimo de tempo. Villeneuve também acompanha o exemplo francês quando, logo depois do ponto final, publica as novelas completas e as vende ele mesmo. O folhetim, portanto, instala-se no jornal e espalha-se em volumes baratos pelas bibliotecas, onde, já o dissemos, é espantosa sua ocorrência. Muito embora o estudo de tiragem e de público da imprensa brasileira ainda esteja por ser feito, o simples exame das modificações havidas no jornal levam a crer que, como na França, sua prosperidade está ligada diretamente ao sucesso e, portanto, à publicação do folhetim. E tal sucesso mostra igualmente, guardadas as proporções, a existência no Brasil de um público consumidor de novelas já suficiente para constituir-se em elemento favorável de venda de jornal.

Esta explosão do folhetim francês entre nós coloca uma série de problemas cujo exame aprofundado já seria objeto de estudo em si. Por que o sucesso em longínquas plagas, onde não existe ainda a cidade grande, de

(24) A firma Villeneuve e Cia. (Justus Villeneuve e Mougénot) sucede ao fundador, Plancher, em 1832.

(25) Não é o caso de dar aqui todas as etapas que levaram ao folhetim; basta assinalar que acompanham a trajetória dos novos jornais franceses: secção de variedades, progressiva entrada de ficção, crônicas que são também pequenos contos e daí à publicação seriada de novelas.

uma fórmula tão ligada a certo momento social francês, europeu? Que relação entre a nascente burguesia brasileira e aquelas estruturas iterativas cujo mecanismo foi tão bem desvendado por Eco? Ou, ao contrário, são velhos apelos tradicionais que tocam um público habituado a ouvir contar estórias? Ou tudo ao mesmo tempo? E, na medida em que coincide com a eclosão do romance nacional, num nível formal, qual seu papel para o romancista-aprendiz? Pergunta que eu vinha desde o início formulando e que devia ter-se colocado de modo geral para o romance europeu.

Mas, a essa altura, ocorria voltar à minha interrogação inicial que englobava o conjunto das leituras estrangeiras. O inquérito mostrara que o folhetim não se confundia (como pude crer a certo momento), apesar de sua presença torrencial, com todas as leituras possíveis feitas por nossos aspirantes a novelistas e pelo público que os haveria de acolher. Pode-se ver, com efeito, que sua criação e subsequente penetração no Brasil são relativamente tardias; de mais a mais, na abundantíssima florada folhetinesca não se encontravam aqueles títulos a que venho constantemente me referindo. Note-se ainda — circunstância talvez significativa — que Alencar, quando recorda serões que se situavam precisamente na idade de ouro do folhetim romântico, não o evoca, mas evoca outros “romances românticos”. Por conseguinte, o romance-folhetim ainda é coisa diversa das “moderníssimas novellas”. Estas não só o antecedem de muito, como ainda vão coexistir algum tempo com ele, a julgar pelas listas que os jornais continuam publicando, em progressão decrescente, é verdade, relativamente à invasão do folhetim. Donde se conclui que, tanto na França como no Brasil, se a fórmula de Girardin teve tal sucesso, foi porque já respondia a hábitos adquiridos de leitura ou audição de ficção. E se no Brasil o folhetim “pegou” tão bem foi porque encontrou terreno favorável: às leituras tradicionais tinham sucedido as “galantes novellas todas traduzidas do francez”. Ocorria, portanto, largar de vez o folhetim e procurar aquela “galanteza”, sempre em território francês.

Foi, de início, uma pista difícil de desbravar. Não existe, ou quase, abordagem geral do problema; tanto mais que o folhetim, as novelas secundárias, que chamo novelas de “segundo time”, mais por questão de classificação que por julgamento de valor, são ignoradas pelos manuais (26). Um ou outro, mais antigo, citava alguns títulos, sempre de modo depreciativo, sem que ninguém se tivesse interrogado sobre o fenômeno de leitura que representou. Foi um compêndio inglês que trouxe os mais úteis informes para essa pesquisa de fontes secundárias (27). Mas, na ausência de obras gerais, a Bibliothèque Nationale oferecia um campo privilegiado sob a forma de boa quantidade de catálogos e bibliografias dos autores mais diversos, sem falar no catálogo Y2

(26) Quando estava em curso esta parte da pesquisa ainda não tinham saído os úteis manuais publicados por Armand Colin, coleção U2: *Le roman français jusqu'à la Revolution*, por HENRI COULET (este verdadeiramente excepcional); e *Le roman français depuis la Revolution*, por MICHEL RAYMOND.

(27) SAINTSBURY, *History of the French fiction*, Londres, 1917, 2 v.

anonymes da própria biblioteca, todos eles consagrados à novela, num período que se estende mais ou menos de fins do século XVIII até meados do século XIX (chegando às vezes às origens do gênero, mas visto da perspectiva dos séculos XVIII ou XIX). São, para tomar o título de uma delas — aliás preciosíssimo instrumento de trabalho (28) —, “bibliographies romancières”. Memorialistas, cronistas, historiadores menores confirmavam aquilo que parece ter sido verdadeira monomania, ou seja, a existência de um coletivo gosto novelístico que precede a Revolução Francesa e vai pelo Romantismo adentro.

Pisara finalmente em terras de *Romancie* (29), terra ignota nos relatos oficiais, porém densamente ocupada. Onde pululavam leitores de novela, fazedores de novela, vendedores de novela, apologistas ou detratores de novelas, e... novelas. Inerente à *Romancie*, o *cabinet de lecture*, grande templo onde, mediante bom aluguel, se distribuía o maná novelístico. Instituição até agora tão pouco estudada quanto a messe que prodigalizava. Espalhavam-se pelos quatro cantos de Paris: simples depósitos de aluguel ou livrarias, com ou sem salas de leitura, ricas ou modestas (Balzac descreveu vários), existiam nas menores cidades da província, como se vê pela ampla coleção de catálogos conservados num depósito da Bibliothèque Nationale. Estes são constantemente atualizados, anunciando sempre as “últimas novidades de Paris”, que vêm crescer um acervo substancial. Neste, uma rápida sondagem permitia reencontrar os velhos títulos, já familiares. E lá vinham, entre os recorrentes, *Célestine*, ou *Les époux sans l'être*, *Les enfants de l'abbaye*, ou seja, *Amanda e Oscar* e, ainda, *Sinclair des Isles*. Fechava-se assim o círculo.

A essa altura, ocorreu-me novamente mudar de rumo. Ou melhor, desistir dos rumos novos que a própria pesquisa ia apontando. Com efeito, pretendia, uma vez identificadas e lidas “as moderníssimas novellas”, estudá-las melhor, tentar uma classificação que talvez permitisse destrinchar certos aspectos da evolução do romance. Isto levaria fatalmente a ficar em águas francesas, tal a empreitada. O reencontro, por vias indiretas, com Alencar, impeliu-me, de certo modo, a lançar mão de um expediente: abandonar a carga e valer-me de *Sinclair das Ilhas* e seus companheiros. Tentar restringir as interrogações a esses três livros, servindo-me, evidentemente, do que vinha aprendendo.

Isto queria dizer: uma vez evidenciada a existência do romance-folhetim e dos catálogos e listas *romancières*, tanto na França como no Brasil (onde também não faltaram os gabinetes de leitura), e a antecedência deste tipo

(28) FIGOREAU, *Petite bibliographie biographico-romancière, ou Dictionnaire des Romanciers tant anciens que modernes, tant nationaux qu'étrangers; avec un mot sur chacun d'eux et la notice des Romans qu'ils ont donné, soit comme auteur, soit comme traducteurs, précédé d'un catalogue des meilleurs romans publiés depuis plusieurs années, et suivi de tableaux propres à en faire connaître les différents genres et à diriger dans le choix des ouvrages qui doivent faire la base d'un cabinet de lecture.* Paris, Pigoreau libraire, 1821 e suppléments — 1823.

(29) Tomei emprestada a denominação — que vai também dar título a estudo ora em redação, *Viagem em Romancie* — a um romance humorístico do século XVIII que, já nessa época, refere-se à mania novelística: Père Bougeant, *Le voyage merveilleux du Prince Fan-Fédérin dans la Romancie*, Paris, 1735.

de ficção sobre o outro; uma vez verificada uma padronização (30) de títulos a mostrar claramente que, alimentado até então por *Carlos Magno*, o público leitor — ou ouvinte — brasileiro passara igualmente a consumir os *best-sellers* europeus pré-românticos, resolvi ir simplesmente relatando esses fatos sem preocupar-me em demasia com classificações, tipologia ou estatísticas; e, em seguida, considerar efetivamente o *Sinclair* como protótipo ou paradigma de certo tipo de ficção estrangeira anterior ao folhetim e corrente no Brasil na primeira metade do século XIX; e, mais: ater-me a ele, aos dois outros, e interrogá-los, tentando esgotar a informação e alcançar, quem sabe, um vislumbre de interpretação. Senti-me autorizada a proceder dessa forma diante das ocorrências desses títulos aqui e além mar, e pela garantia que me davam três romancistas brasileiros fundamentais.

*

Continuei a levantar na Bibliothèque Nationale a pista *Sinclair*; li-o numa das três edições que lá encontrei. Colocava-se, então, o problema da autoria. A maioria das entradas nos catálogos de gabinetes de leitura indicava, como no Brasil, autores anônimos. Ou, quando indicavam autoria, divergiam. A maioria o atribuía a Madame de Montolieu, autoria que é uma das entradas do catálogo da própria Biblioteca. Outros, como o Pigoreau — meu “abre-te Sésamo” em país de *Romancie* — registravam outro nome, atribuíam o *Sinclair* a uma inglesa, Mistriss Elisabeth Helme. Mesmo assim podia-se desconfiar; por um lado, era quase unânime a indicação de Madame de Montolieu; por outro, como ensinam Mornet e Van Tieghem (31), a “anglomania atingira, principalmente nos domínios da ficção, tais proporções que numerosíssimas novelas *traduites de l'anglois* tinham, na verdade, sido diretamente escritas em francês” (32). O *Journal général de la librairie française* registra a primeira ocorrência da novela na França, em tradução francesa (33), em 1808: *Saint-Clair des Isles, ou Les Exilés à l'Isles de Barra*; roman traduit librement de l'anglais par Madame de Montolieu, Paris, Nicolle, 1808, 4 v. in-12.º. Uma verificação nos jornais da época permitiu encontrar várias menções ao livro. Uma, em junho de 1808, no venerável *Mercure de France*; em julho e setembro, duas resenhas nos dois jornais oficiais do Império, *Journal de Paris* e *Journal de l'Empire*. Ambos os artigos ressaltavam a importância e o valor da publicação, e confirmavam a origem inglesa. Todavia, o destaque dado ao nome e às “adaptações originais” da tradutora explicam porque, desde a

(30) Isto confirma o parecer de Ferdinand Denis: « (...) les listes de livres envoyées en Europe semblent avoir été stéréotypées à l'avance, (...) on y demande éternellement le même genre d'ouvrages (...) ». Ferdinand Denis, *Brésil*, Firmin Didot, 1863, p. 118.

(31) Daniel Mornet, prefácio da edição crítica de *La Nouvelle Héloïse*. Paul Van Tieghem, *L'année littéraire*, Paris, 1917, p. 23.

(32) O mesmo se dera na Inglaterra, de modo inverso, no século XVIII, onde fora grande a voga e a influência do abade Prevost, de Marivaux, e de outros romancistas franceses considerados secundários, como Madame Riccoboni ou Baculard d'Arnaud, este último tendo também influenciado Rousseau.

(33) Volume II, classe IV (poésie, théâtre, roman), p. 126.

origem, esta fez sombra à autora efetiva: "On retrouve dans ce roman, indépendamment de l'intérêt qui règne dans la production originale, les agréments du style qui distinguent l'auteur de *Caroline de Lichtfield* (...)" (*Journal de l'Empire*). Informavam os dicionários biográficos e documentos que pude consultar em Lausanne que Isabelle de Montolieu (1751-1832), de grande família suíça, nasceu e viveu em Lausanne, onde frequentava os escritores europeus que naquela época demandavam as margens do lago de Genebra. Entre suas leituras favoritas encontram-se romances de cavalaria, *O Amadís*, *Esperidião* (assinalo este detalhe que, posteriormente, terá sua importância); é autora de um dos maiores sucessos de livraria, que se estendeu desde a publicação em 1786 até meados do século XIX, a já citada novela *Caroline de Lichtfield*. (É uma das mais frequentemente relacionadas nas listas brasileiras, onde já a encontrei, em 1811, na *Idade de Ouro do Brasil*).

Como explica a própria autora numa autobiografia que abre uma das numerosas reedições do romance, ela nunca mais escreveu obra de ficção, por não ter suficiente imaginação para inventar enredos. Tinha-a, porém, para "adaptar livremente" novelas de outros, o que explica ter consagrado sua carreira à tradução, não só de novelas como de obras educativas, muito em moda na época. A todas deu esse tratamento peculiar que a distinguiu entre a plêiade de tradutores, péssimos em geral, que nesse tempo de mania novellesca, invadia o mercado. (Assinale-se desde já que um destino igualmente favorável marcou o lançamento em francês do *Amanda e Oscar* traduzido, também do inglês, pelo abade Morellet, reputado homem de letras antes da Revolução Francesa que escapou à tormenta e conseguiu sustentar-se economicamente fazendo traduções de excelente nível). Neste sentido, pode-se dizer que Madame de Montolieu foi, a seu modo, grande servidora da literatura, numa época em que não se fazia muita distinção entre culto e popular, em que as novelas hoje consideradas secundárias (os *romans de femme de chambre* a que se refere Stendhal no posfácio de *Le Rouge et le Noir*) não eram tão caracterizadas e todas as classes liam tudo. Suas adaptações foram incrivelmente populares e serviram de base para as versões em outras línguas. Ora, veiculando matéria que interessava a todos, fazia-o numa linguagem correta, bom estilo, e grande senso de construção narrativa (um cotejo mesmo superficial com os dois *Sinclair*, o original e o francês, permite verificar essa "legibilidade"). Deste modo, tanto o *Sinclair* como o *Amanda e Oscar* franceses são narrações escorreitas, bem compostas, com assunto à inglesa, isto é, cheio de "suspense", que constituem até hoje — pelo menos para a devoradora de Eugène Sue e... Dely que fui — livros de agradável leitura, desses que se "engolem" para chegar ao fim. Dois bons modelos narrativos, em suma, adaptados à índole e ao gosto francês e que devem ter contribuído, no Brasil que os recebeu por essa mediação, para modelar algo que era um gosto em formação. Acrescente-se que o grande número de edições francesas entre 1808 e 1824 (ano em que cessa a bibliografia de Pigoreau) e, mais adiante ainda, a julgar pelos já mencionados catálogos de província, são sinal de mani-

festa popularidade do livro: edições normais, isto é, caras; edições especiais para gabinetes de leitura, e edições mais populares, provavelmente vendidas em fascículos, em duas colunas e papel-jornal. Nem por isso é o romance de Mrs. Helme mais encontrado. E mais popular ainda parece ter sido o *Amanda e Oscar*. De qualquer maneira, usando de cômodo anacronismo, foram ambos *best-sellers* na França.

Ocorria então ir ao país de origem, pois as indicações sobre Mrs. Helme recolhidas na França não passavam do que diziam os dicionários biográficos: " ? — 1816; autora de grande número de *nouvelles à succès, la plupart traduites en notre langue en plusieurs éditions*, também compôs e traduziu obras de educação e vulgarização".

A pesquisa no British Museum revelou-se das mais profícuas. Foi também mais fácil do que em Paris. Porque se havia igual abundância de fontes primárias, não faltavam obras gerais sobre vários aspectos daquela literatura que podemos chamar de "segundo time"; e não apenas sobre as obras como acerca dos meios de divulgação, da questão de público, do problema de gosto que colocavam. Aquele maremoto romanesco que inundara a Europa, a que se refere Mornet (34), tinha igualmente submergido a Inglaterra no tempo que medeia entre a obra dos "pais fundadores" (35) em meados do século XVIII e as primeiras produções de Walter Scott, prolongando-se pela era vitoriana adentro. Mais abundante, talvez mais variada, mais difícil de classificar do que na França. E lá também, e lá talvez ainda mais, e bem anterior, a poderosa instituição da *circulating library*, o gabinete de leitura de aluguel. A voracidade dos leitores é tamanha que a *circulating library* determina não só a produção como impõe títulos *a priori* à sua muito dócil mão-de-obra, geralmente feminina. A poderosa Minerva Press monopoliza a indústria e a distribuição novelesca, inundando o mercado com seus livrinhos in-12.^o, sendo vilipendiada pela crítica "apocalíptica" coeva (36) e hodierna.

É, sem dúvida, o albor da literatura de massa. Isto não quer dizer que fossem nítidas as fronteiras entre a menosprezada produção da editora Minerva e aquela considerada "nobre" pela *Edinburgh Review*. A popularíssima Mrs. Radcliffe foi muito admirada por Byron, ao passo que romancistas consagradas pela crítica oficial, louvadas algumas por Walter Scott (37) que nelas via modelos dignos de imitar, eram abundantemente representadas nos catálogos das *circulating libraries*. E, mesmo hoje, quando seria mais fácil separar

(34) Daniel Mornet, «Le roman français de 1741 à 1760, in Préface à l'édition critique de *La Nouvelle Héloïse*, Paris, 1924, p. 26.

(35) A saber, De Foe, Richardson, Fielding, Sterne, Smollet.

(36) Por exemplo: em vários artigos da *Edinburgh Review*, importante publicação da chamada *Scottish School* (fins do século XVIII, meados do século XIX) e, hoje em dia, em Q. D. Leavis, *Fiction and Reading People*, Londres, 2.^a ed., 1965.

(37) Walter Scott, *Biographie des Romancières Célèbres*, Paris, 1825.

o joio do trigo, podem-se encontrar os mesmos autores tanto em compêndios de história do romance "sério" como em histórias da novela popular (38). E fornecedoras exclusivas da Minerva Press nem por isso deixaram de ter certa cotação na época. É precisamente o que se dá no caso de Mrs. Helme e, também, de Miss Roche, a autora de *Amanda e Oscar*, ou seja, *Children's Abbey*.

Não cabe aqui estender-me sobre Mistriss Helme, muito embora as informações a respeito fossem escassas; pouco mais se sabe do que o já referido. Seus romances mais populares, a julgar pelo número elevado de edições, durante muito tempo parecem ter sido os mesmos que tiveram maior sucesso na França: *Albert of the desert of Strateheven* e, principalmente, *Luisa or the Cottage in the Moor*. Este já é de 1787 (*Amanda e Oscar* é de 1786) e, no mesmo ano, saíam em Londres traduções francesa e espanhola, aliás péssimas. É o típico e ambíguo caso de *roman de femme de chambre* lido por uma rainha, que deles possuía uma coleção: pois, foi em edição encadernada em marroquim vermelho, com admiráveis ferros e brasão de Maria Antonieta, que o li, em francês, na Bibliothèqu Nationale de Paris. A mesma *Luisa, ou o casal no bosque* é, aliás, uma das primeiras novelas que encontrei anunciadas na "loja da Gazeta", no Rio de Janeiro, em 21 de setembro de 1816, seguida de muitas outras edições e versões portuguesas pelo tempo afora (39). Nem por isso deixam de ser freqüentíssimas as ocorrências do *Sinclair of the Isles*, cuja primeira edição foi de 1803. A partir de então, vai sendo encontrado em numerosíssimas edições, de diferentes cidades, ilustradas ou não, atravessa a época vitoriana, onde entra na popular coleção *one penny library* (40), e se encontra ainda em edições do século XX. O Gabinete Português de Leitura do Rio possui uma edição inglesa de 1848.

Best-seller, portanto, também em seu país de origem, o nosso velho *Sinclair das Ilhas*.

(38) Entre os primeiros, por exemplo, Lionel Stevenson, *The English Novel*, 1960; e J. M. S. Tompkins, *The popular novel in England; 1770-1800*, Londres, 1.ª ed., 1932 e 1969. É interessante notar que nos catálogos das *circulating libraries* figuram todos aqueles romances considerados por Stevenson no capítulo *Establishing the Tradition* como promotores da constituição do gênero romanesco moderno, e todos aqueles que se seguem e os imitam, degradando, mas vulgarizando, os novos temas e processos narrativos, criando talvez esteriótipos de agrado do grande público, mas, ao mesmo tempo, familiarizando-o com o gênero que teria impacto tão grande no século XIX. Nesse sentido, Stevenson dá grande destaque à célebre obra de Goldsmith, *O vigário de Wakefield*, muito encontrado também no Brasil, bem representativo de uma popularização inteligente de vários temas esparsos na novelística anterior.

(39) Encontrei em *O Gabinete de Leitura*, periódico do Rio, já citado, uma novela longa ou curto romance, anônimo, *A perjura*, onde muitos traços são visivelmente emprestados à *Luisa*...; entre outros, a atmosfera dos moors, do «deserto», transplantada para Cabo Frio, que parece ter sido um dos ambientes de predileção de nossos incipientes romancistas.

(40) Louis James, *Fiction for the Working Man: 1830-1850; a Study of the Literature Produced for the Working Class in Early Victorian Urban England*, Londres, 1963.

Faltava-me encontrar um *Sinclair* português: sabia de sua existência na Biblioteca Nacional de Lisboa (41), mas foi em alfarrabistas lisboetas que localizei não apenas uma mas três edições do *Sinclair das Ilhas*:

1.ª — *Sinclair das Ilhas ou Os exilados da Ilha de Barra*, Lisboa, editora Lusitana, s/d (tudo indica que é da primeira metade do século XX);

2.ª — idem, Lisboa, Tipografia Rolandiana, tradução de A. V. de C. de Souza, 1862;

3.ª — um *Sinclair* carioca de 1825: *Saint-Clair das Ilhas; ou, Os desterrados na ilha de Barra; tradição escocesa, traduzida do francez em lingua vulgar, e dedicada ao Il. Sr. Albino Gomes Guerra de Aguiar, Cavaleiro da Ordem de Christo e da Imperial do Cruzeiro, Brigadeiro, e Commissario Geral do Exercito do Imperio do Brasil*; por A. S. C., Rio de Janeiro, na Typographia de Silva Porto e Comp., 1825. 4 tomos em 2 volumes, in-12.º.

Exemplar um pouco danificado e, por isso mesmo, bastante interessante: faltam várias páginas (a página final do primeiro tomo; o fim do segundo e das páginas 173 a 201), que foram substituídas nos devidos lugares por folhas onde o texto foi recopiado à mão em papel pautado (42). A última palavra da última folha impressa vem riscada e, na folha seguinte, manuscrita, substituída por um sinônimo. O que me levou ao cotejo com o exemplar da Rolandiana e à constatação de tratar-se de duas edições diferentes. O trecho recopiado é feito pela tradução de A. V. C. de Souza, ao passo que um confronto da versão brasileira com a tradução francesa de Montolieu mostra claramente que a edição do Rio é feita diretamente do "original". Sem especial ufanismo, direi que o texto brasileiro é muito superior ao português; linguagem mais fluída; acreditem ou não, menos galicismos, resultando em leitura mais agradável. Um exame cuidadoso poderia até revelar modismos que já seriam brasileiros, algo, enfim, que está próximo da linguagem de certas crônicas jornalísticas da época. Seguindo à risca o texto Montolieu, é tratada no entanto dentro do espírito com que a tradutora adaptou o verdadeiro original à índole do francês.

Outra indicação interessante da referida edição é a carta-dedicatória do tradutor: parece ir além de loas convencionais e aludir a fatos precisos que justifiquem os encômios e os agradecimentos, que soam como uma espécie de desabafo. Transcrevo-a na íntegra:

"A Constante amizade, com que V. S. sempre me tem distinguido, sem que esses anos, ou a sua progressiva elevação a altos, e bem merecidos

(41) Convém assinalar que a Biblioteca Municipal de São Paulo possui um exemplar, sem data, mas certamente deste século.

(42) Isto lembra o que dizia Câmara Cascudo a propósito do *Feliz Independente* e vários outros romances que circulavam de fazenda em fazenda, em manuscritos recoplados à mão; prova de excessivo manuseio e escassez de exemplares, além de grande interesse pela leitura. In *Cinco Livros do Povo*, Rio de Janeiro, 1953, p. 22.

Empregos lhe hajam dado a mínima quebra, o que sendo raro em todo o tempo, muito mais o é nesta época de egoísmo, impostura, e infidelidade, é o poderoso incentivo, que me anima a oferecer-lhe a presente tradução do excelente e pouco conhecido Opúsculo moral Saint-Clair das Ilhas, ou os Desterrados na Ilha de Barra.

Só por isso eu era obrigado a este tributo de reconhecimento; ele porém é de mim exigido por outros bem ponderosos motivos. A um Coração igual, reto e benfazejo a desconhecidos, e até a ingratos, une de mais V. S. os mais interessantes, e proficuos serviços, prestados ao Brasil, minha Pátria, os quais têm penhorado minha alma a ponto, de que eu jamais poderei explicar-me. Se o público reconhece o valor deles; se se admira a rapidez, com que o Exército Brasileiro tão oportuna, como utilmente é municiado; se assás se não pode louvar a sua ingênua, e natural afabilidade para com os meus Patrícios; esse mesmo Público pois que o conjecture, com tudo não tem visto (ilegível) de quão grandes, e não interrompidos sacrificios de comodidades, de descanso, e até da própria existência se desempenham deveres desta monta.

Permita pois a modéstia de V. S. este leve desabafo a um Brasiliense, que na pequena coadjuvação, que nisso tem tido, pouco diz à vista do que tem presenciado: e em quanto vejo, cheio de júbilo o NOSSO AUGUSTO IMPERADOR, como Chefe Supremo da Nação Brasileira, Assinalar tão importantes, como abalisados serviços, seja-me também lícito, como filho dessa Grande Família, testemunhar-lhe nesta pequena oferta o reconhecimento compatível com as minhas débeis forças. Tenho a honra de ser

Dev. S. Amigo fiel, e Obrigadíssimo C.

A. S. C. "

A edição do Rio contém ainda, nas últimas páginas do 2.º volume, a lista de subscritores, aqueles que, pela promessa de aquisição de um ou mais exemplares do livro, tinham tornado exequível a edição. Praxe corrente no meio editorial europeu, e parece ter sido muito usada no Brasil, o que se pode compreender melhor ainda dada a pobreza do mercado do livro. E os subscritores escolhidos o eram provavelmente muito mais pelo prestígio ou pelas posses que propriamente pelo amor à leitura (43). No caso do *Sinclair*, a quantidade de nomes conhecidos salta aos olhos até para um neófito em história do Brasil. O que não deixa de dar uma nota com um quê de comovente: tantos grandes do jovem império a conjugarem com negociantes e

(43) Pode-se assinalar, a propósito, entre as cartas deixadas por José Vicente de Azevedo, uma em que comunica «ao Sr. Vicente Felix de Castro que fará tudo em favor dos seus romances, tendo já escrito à corte a respeito, pedindo que os inclua na lista de assinantes», Carlota Pereira de Queiroz, *Vida e morte de um Capitão-Mor*, p. 154. O hábito editorial europeu confunde-se no Brasil com o sistema das relações pessoais. (Informa Sacramento Blake que V. F. C. foi um romancista nascido em Areas e publicou, entre outros, *Mistérios da Roça*, Guaratinguetá, 1861; *A filha do mysterio*, *Herança usurpada*...).

outros seus esforços para a publicação de um *Opúsculo moral* que, para os traquejados editores das *circulating libraries*, constituía o tipo do bom negócio. Ao passo que no Brasil de 1825, anúncios sucessivos, posteriores à publicação (no *Diário do Rio de Janeiro*), continuavam a indicar as lojas onde ainda se aceitavam subscrições, revelando provável dificuldade para cobrir os gastos.

Informar-me sobre o *Saint-Clair* de 1825 foi um dos objetivos da última fase da pesquisa. Marcelo e Cibele de Ipanema, profundos conhecedores da história do jornal e da tipografia no Brasil, tinham pronto, ainda inédito (em 1970), substancioso estudo sobre o tipógrafo Silva Porto, completado por bibliografia de suas publicações, que gentilmente me autorizaram a ler e utilizar.

Quem era Silva Porto? Português, natural do Porto, estabeleceu-se no Rio entre 1812 e 1828, aproximadamente. Desenvolveu grande atividade: foi tradutor (entre outros, da *Fedra* de Racine), poeta (escreveu versos exaltando a Independência), livreiro, tipógrafo, editor, publicista e distribuidor de alguns dos mais importantes jornais da época (*O Tamoyo*, *A Malagueta*, etc.). Editou principalmente documentos curtos, panfletos, discursos políticos, numa época em que estes eram vertiginosamente compostos; editou também as *Memórias* de Pizarro; uma tradução de G. L. (Gonçalves Ledo), *História do Júri*, dedicada pelo tradutor "a todos os amigos mineiros em geral, e particularmente aos concidadãos marianenses"; em 1825, além do *Saint-Clair* publica outra obra "recreativa": *Miscelânea curiosa, útil, recreativa* (44). Serão as duas únicas de seu vasto catálogo.

Silva Porto, escreve Ipanema, "deu uma contribuição valiosa à expansão do livro e à difusão da cultura"; "apesar de negociante não foi infenso ao credo liberal; conviveu com liberais, e, para eles, [seu] estabelecimento funcionava como ponto de difusão de seus trabalhos. A tipografia era também um ponto de cavaco (...) do grupo (...) e Gonçalves Ledo, em 1822, era aí encontrado à noite". "O Visconde de Cayru, ferrenho inimigo de Silva Porto, denominava-lhe a oficina: a cova de Trofônio".

Voltando ao *Saint-Clair*, observa-se que a linha política dos subscritores do "Opúsculo moral" não desmente, em geral, a tendência dos freqüentadores da "cova": Antônio Cândido, consultado, identificou muita gente liberal de Minas, nem faltando uma parenta, na pessoa de Dona Ignacia Umbelina de Mello... O *Almanaque Plancher* de 1827 o confirma e permitiu a identificação de boa parte dos subscritores: estão praticamente todos ligados, de um modo ou outro, ao jovem governo de "Nosso Augusto Imperador, chefe supremo da Nação Brasileira".

(44) Gênero, a julgar pelos catálogos, muito cotado na época. Plancher e depois Villeneuve haveriam de publicar dessas miscelâneas; Garnier e Laemmert vão ser especialistas nesse gênero, também muito comum na Europa nessa época de ascensão da burguesia. Sempre, em todos os setores da vida cultural, a réplica do modelo europeu.

Falta-me identificar o próprio tradutor. Não me parece que seja o A. S. C. (Antônio Silveira Caldeira), repertoriado no dicionário de pseudônimos de Tancredo de Paiva e no Sacramento Blake. Pelo que se infere não só da dedicatória como de uma resenha sobre o *Saint-Clair* de 1825, à qual me referirei adiante, parece ter estado ele ligado ao Brigadeiro Albino Aguiar, o dedicando, numa repartição do recém-formado Exército Brasileiro e animado, como seu editor e seus subscritores, de forte espírito patriótico; tudo indica que sua tradução se inscreve dentro de uma missão utilitária ao novo regime. É esse clima geral em torno do *Sinclair* de 1825 que me pareceu interessante ressaltar; dá ao que é uma praxe normal, a dos subscritores (45), uma cor peculiar. Da mesma maneira, surpreende encontrar uma novela, fútil assunto, num rol de cerca de 110 obras editadas por Silva Porto, quase todas políticas ou, quando não, utilitárias dentro desse espírito geral de "servir" que anima o país e marca o Romantismo (46). A resposta está na própria carta-dedicatória, que reflete uma das atitudes críticas então vigentes em relação à novela, numa época em que foi grande a polémica em torno do gênero romanesco (47): é um "opúsculo moral", útil, portanto.

É nesta perspectiva que a novela é considerada na resenha a que já aludi. Encontra-se num jornal fundado por Pierre Plancher em 1827, "dedicado às senhoras brasileiras", *O Espelho Diamantino* (48); tinha esse periódico "por especial destino", reza o prospecto do número 1, "promover a instrução e o entretenimento do bello sexo desta Corte (...); em literatura, procuraremos variedade; as obras, que, com hum fim moral, apresentam narrações interessantes (...)", já no n.º 2, Plancher, no seu estilo inconfundível, louva a *bonne fortune* que respondeu a seus votos: "Eis hum favor da fortuna, *une bonne fortune*, para o redactor de hum Periodico, quando acabando de dar hum conselho, elle acha immediatamente hum exemplo que apontar. Nos hexortamos no 1.º folheto a Mocidade Brasileira a lançar-se na carreira da

(45) A que haveriam de recorrer aqueles «banqueiros literários» jocosamente descritos por Machado de Assis nas Crônicas.

(46) Encontrel na Bibliothéque Nationale de Paris o número, creio que único, de um jornal brasileiro onde há um exemplo extraordinário desse espírito «utilitário», em que se tem realmente uma visão unitária de cultura, a mesma que haverá de marcar a *Nichteroy*. Trata-se de *O Patriota Brasileiro*, Paris, Livraria dos Estrangeiros, ano 1830, VIII da Independência, vii, 162 p. Nada permite identificar os editores, se não a troca de cartas no começo da publicação entre um brasileiro, residente no Rio, que tenta convencer um amigo francês a incentivar a publicação do jornal brasileiro em Paris. O brasileiro é M. Calmont Dupin (sic), que propõe ao francês M. Buchon um jornal gratuito e que deverá distribuir prêmios: « (...) un prix (...) distribué à Rio, le 21 avril 1831, anniversaire de la découverte du Brésil, à celui qui aura importé au Brésil la machine agricole la plus utile à l'industrie agricole, ou, à défaut (...) au Brésilien qui aura composé le meilleur poème sur un sujet national (...) ».

(47) Ver, entre outros, Georges May, *Le dilemme du roman au XVIIIe siècle*, 1963, p. 245 e outras. Sobre o mesmo tema, talvez venha um dia a publicar pequena antologia de definições do romance como gênero e sua função, que fui encontrando tanto no corpo como no prefácio das novelas que andei lendo no decurso da pesquisa. O que espanta é a perfeita discrepância teórica dentro de uma quase estereotípia de realização.

(48) *O espelho diamantino*; periódico de política, literatura, belas artes, teatro e modas dedicado às senhoras brasileiras. Ano I (1-14), 20 de setembro de 1827 a 28 de abril de 1828. A resenha referida está no n.º 2, segunda-feira, 1.º de outubro de 1827, pp. 22 e 23.

Literatura, para que do fructo dos estudos, ella aproveitasse a fama, e lugar que dão as obras litterarias, em quanto os Cidadãos disfructão as obras, que illuminão, divertem e exaltam a civilisação. Saint Clair das Ilhas, producção de hum jovem Brasileiro, preenche já estes dous fins (...) he romance cheio de exemplos de virtude, e patriotismo, mostrando por narrações tocantes que o merecimento pessoal, e desempenho dos deveres em as maiores difficuldades e obstaculos, acaba finalmente por se mostrar superior a todos os inimigos, e adversidades, e eleva o seu possuidor à hum grao sublime de felicidade, e consideração, digno e quasi certo do homem virtuoso (...) o pouco espaço destas folhas e extensão da obra nos não permitem dar della huma analyse seguida, e nos haveremos de contentar com dirigir os nossos leitores ao mesmo romance para elles terem o gosto de conhecer a bella, corajosa e virtuosissima Ambrosina, a encantadora Zina, sua filha, o mesmo Saint Clair, modelo dos esposos, dos pais, dos amigos, os seus incomparaveis companheiros d'armas (...). A tradução merece os mesmos louvores e a penna do tradutor desempenhou com toda a felicidade huma tarefa difficil, e extensiva (...) notavel producção litteraria." Mas há outro aspecto que ressalta também a resenha: "Saint Clair das Ilhas, producção de hum jovem brasileiro (...) a pesar de ser traducção de hum romance, he digna de toda attenção, nos primeiros momentos de regeneração, e raridade de autores e escritas (sic) em que nos achamos. A obra, de mais a mais, sahe de huma typographia Nacional. Debaixo do ponto de vista de adiantar hum interessante ramo de industria, tambem contaremos hum novo beneficio da litteratura (...)" Vemos, assim, o liberal militante que foi Pierre Plancher (que não esconde alhures seu gosto pelo romance cômico, de pura recreação) (49), esposar, na didática resenha, o ponto de vista moral e patriótico da empreitada de Silva Porto nos "primeiros momentos da regeneração"; foi provavelmente a ótica que levou um editor bem definido politicamente, a publicar um romance (50).

Haveria ainda, evidentemente, que considerar as motivações intrinsecamente ligadas à novela. Está claro que só análise acurada do livro permite aprofundar a questão, o que tento fazer num dos capítulos do trabalho em curso. Mas, talvez convenha já ressaltar aqui um aspecto que se prende diretamente ao momento da publicação e poderia explicar porque, numa época em que já circulavam no Brasil numerosas "modernissimas novellas", tivesse sido escolhido justamente o *Sinclair* para realizar essa empresa literário-patriótica. Um dos temas da novela é o ressentimento. Ressentimento e melancolia, pela injustiça do destino. Ressentimento do herói, Sinclair, injustamente banido de suas terras, exilado nas ilhas onde o acompanharam os

(49) Felix Pacheco, *Hum francez-brasileiro, Pierre Plancher*, 2.^a ed., 1924, p. 130.

(50) Na época de sua carreira francesa, porém, antes de 1824, ao mesmo tempo que panfletos e discursos subversivos — que o levaram ao exílio brasileiro — Plancher também editou muitos romances na moda; foi o primeiro editor francês de Walter Scott, em traduções anteriores às célebres de Dufeauconpret, modelo das traduções de Caetano Lopes de Moura; foi também o editor das *Elégies Brésillennes* de Edouard Corbière. Nem se deve esquecer que foi o editor do romance *Statira e Zoroastes*, em 1826. E de um *Gil Blas* em português.

antigos companheiros de armas; melancolia ao recordar os heróicos feitos de antanho, diante da mesquinhez dos inimigos de hoje. Sonhos de desforra final.

Ora, o tom, assim como certos trechos da carta-dedicatória, soam como a projeção de um duplo ressentimento. Em parte, de cunho pessoal ("nestes tempos em que reina a ingratição"), a que vai responder em eco, anos mais tarde, a mágoa do humilhado Major Siqueira, para quem a leitura do *Sinclair* também tem função vicariante. De outro lado, um ressentimento mais geral, algo como um ainda recente ressentimento da jovem nação, ainda não bem instalada na nova identidade. Ressentimento também contra o Imperador, que vem desapontando os jovens patriotas. Haja vista as repetidas afirmações de brasilidade do tradutor, a cor política dos subscritores, a do editor. Assim, à luta do pequeno mas destemido bando do chefe Sinclair contra os poderosos usurpadores, responde a dos "brasilienses" conspirando na "cova do Trofônio". E dessa luta, o romance oferece o sugestivo exemplo da batalha em campo aberto que opõe as tropas organizadas do rei da Escócia e o bando de ilhéus, rapidamente levantados por Sinclair e seus irmãos de guerra. A vitória dos últimos merece os elogios do comandante escocês derrotado: "Senhor, disse Murray (ao rei da Escócia), (...) não têm disciplina os insulares; são esquipados (sic) de huma maneira exotica, e tão variadas as armas de que se servem como as feições do rosto (...) e com ellas (...) desbaratavão tudo quanto se lhes oppunha diante; n'hum abrir e fechar d'olhos se cozerão tanto com nosco, que se tornarão inuteis os nossos arcos e frechas (...) ninguem pode fazer idéa do ardor e intrepidez daquella gente (...) fortes como leões, feroses como tigres (...)" (pp. 28, 29, 2.º vol., tomo 1, edição do Rio).

Hipótese talvez fantasiosa de minha parte. Mas, de qualquer forma, esse *Saint-Clair das Ilhas*, primeiro "de romance" lido pelo menino Alencar, pelo moço Riobaldo, pelo velho Major, foi também o único "de romance" saído da oficina de um editor que se pode considerar *engagé*. O que sempre permite perguntar se tal escolha não teria tido particular significação.

Algumas observações ainda sobre o *Sinclair* de 1825. A tradução: vimos que o redator do *Espelho Diamantino* admira-lhe as qualidades; já demos nossa opinião a respeito. Ela ainda tem o mérito (sempre o ufanismo...) de, ao que tudo indica, preceder a versão portuguesa. Com efeito, a primeira notícia que tenho do texto de A. V. C. de Souza (Antonio Vicente de Carvalho e Souza) é de 1827, Lisboa, Rolandiana (51). Foram, no entanto, a versão portuguesa de A. V. C. Souza e, no começo do século XX, outra modernizada, de Oscar Ney, que circularam, numerosas pelo Brasil. Vimos que em nosso exemplar as folhas omissas foram recopiadas pela lição portuguesa. É pena, porque o manuseio que venho fazendo revela, a meu ver, maior legibilidade

(51) Gonçalves Rodrigues, *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*, Coimbra, 1951, p. 65.

na brasileira. A predominância de A. V. C. de Souza mostra que a popularidade do romance excedeu a tiragem de Silva Porto. Provavelmente as leis do mercado favoreciam o livro vindo da Europa, já que eram estreitas as ligações entre livreiros do Rio, Lisboa e Paris. Acrescente-se ainda pequeno reparo à edição brasileira: foi, sem a menor dúvida, feita pela versão francesa. Efetuei os cotejos. Como já disse, Madame de Montolieu introduziu substanciais modificações no original inglês, todas presentes na versão de A. S. C. No entanto, o que não consta das edições francesas — pelo menos de todas aquelas que manuseei ou cuja descrição li — é o subtítulo inglês: *Saint Clair of the Isles; or the Outlaws of Barra: a Scottish tradition*; e já vimos: *Saint-Clair das Ilhas . . . tradição escocesa*. Teria o jovem tradutor tido em mãos um exemplar inglês? Não é impossível, visto que novelas no gênero certamente terão feito parte da bagagem de todas as jovens — ou não tão jovens — inglesas que naquela época demandavam o Brasil. Ou, ainda, na bagagem de um daqueles “estudantes mineiros (...) que estiveram (...) atê nas Ilhas Britânicas, especialmente em Edimburgo” (52). Cogitações que cheiram um pouco a rato de biblioteca, confesso, mas que pessoalmente me fascinam, justamente por estarmos num marco zero da literatura brasileira, “nos primeiros momentos de regeneração”.

O que se pode afirmar é que *Sinclair* foi lido e trelido pelos Brasis afora. E isto não só por volta de 1850, como supõe R. Magalhães Jr., ou antes de 1835, como pensava Astrogildo Pereira. O *Sinclair* continua a ser encontrado nos catálogos Garnier até o começo do século XX, juntamente com *Magalona*, *João de Calais*, *Carlos Magno*, e o inevitável *Marinheiro Vicente*, cuja história é uma das primeiras que se anunciam nas listas brasileiras. (Suponho ser cordel português, a julgar pelo folheto que possuo). Convém notar, no entanto, que a persistência dessas novelas em catálogos mais tardios não é por si só uma prova de gosto ainda reinante, mas pode ser, antes, teimosia de livreiro em colocar os encalhes. (Já o astuto Pigoreau não escondia que a província era bom escoadouro no caso). Mas há, já vimos, pelo menos uma edição contemporânea, portuguesa, do *Sinclair* (e outra, bem mais recente, do *Amanda e Oscar* que pode também ser consultada na Biblioteca Municipal de São Paulo).

Incontestável indício de popularidade, como nota muito bem R. Magalhães Jr. e confirma Guimarães Rosa, é o fato de o nome *Sinclair* ter inundado “os livros paroquiais e, por último, o registro civil com uma infinidade de meninos desse nome” (53). Encontrei, de meu lado, sem saber se isto constituía uma homenagem à “virtuosíssima mulher de *Sinclair*”, algumas *Ambrosinas* (54).

(52) José Ferreira Carrato, *Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais*, Companhia Editora Nacional, (Brasília), São Paulo, 1968, p. 163.

(53) R. Magalhães Jr., *op. cit.*, p. 145.

(54) Entre elas, uma *Ambrosina* nascida em 1840. Ver Carlota Pereira de Queiroz, *op. cit.*, p. 97.

É certo também que, dentre o grande número de “moderníssimas novellas” estrangeiras que demandaram o Brasil desde o começo do século XIX, o *Sinclair*, que fora *best-seller* na Europa mas não se distinguiu especialmente de outros *best-sellers* saídos das oficinas das *circulating libraries*, ocupou entre nós lugar privilegiado. Lançado em 1825, como a fazer eco às preocupações de “jovens brasilienses”, torna-se, sempre no século passado, leitura muito querida, de que dão fé — já que nada resta da marca que pôde imprimir nas anônimas sensibilidades que o leram — Alencar, Machado, e os livros paroquiais. E acaba, num tempo indeterminado, mas que está perto do nosso, em *Grande Sertão: Veredas*, por incarnar para o narrador Riobaldo a literatura culta como forma de saber peculiar. “Nele achei outras verdades, muito extraordinárias”. De certa forma o *Sencler*, romance escrito em letra de forma, para ele se opõe ao *Carlos Magno*, que é o saber infuso, sabido de cor (55); assim como se opõem o “compor a estória em livro (...) com instruída sensatez” e o narrar oralmente “o sucedido desgovernado” (56).

*

E com isso tínhamo chegado ao fim do inquerito *Sinclair*. Retomemos as perguntas que o lançaram:

O que é o *Sinclair das Ilhas*? Um romance escrito em 1803 por uma novelista e educadora inglesa, Mistriss Elisabeth Helme. Romance inglês, que penetrou no Brasil na roupagem francesa ideada por Madame de Montolieu. É o que os franceses consideravam o típico *roman anglais* pré-romântico. Nele tudo se encontra: enredo cheio de “suspense”; raptos, seqüestros, abandonos, torneios medievais, castelos góticos, ruínas, capelas, exaltação da natureza, a velha Escócia, ilhas selvagens, nobres cavaleiros e horríveis vilões e, no caso, até vilões; exaltação da coragem indômita que justifica o rapto, e da virtude submissa e doméstica, doméstica e domesticadora. Enfim, um misto de tendências arcáicas ou tradicionais, e novas. Uma iniciação aos temas e ao romance modernos: Ossian, Young, uma pitada de realismo, outra de “antiquarismo”. Um “gótico” que respondia àquele modelo ideal referido por Alencar: “ (...) [romance] cheio de mistérios (...) ruínas de um castelo, amortalhadas pelo baço clarão da lua (...) alguma capela gótica frouxamente esclarecida pela lâmpada cuja luz esbatia-se na lousa de uma campa” (57). É também um primeiro passo em direção ao romance histórico, que inclui, todavia, o romance de cavalaria, outra peça da modernidade pré-romântica

(55) Ver a respeito as sugestivas observações de Walnice Galvão no seu belo estudo: *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão: Veredas*, São Paulo, 1970.

(56) Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 4.ª ed., pp. 82, 461, 95.

(57) José de Alencar, «Como e porque...», Aguilar, p. 136.

européia. O qual, do seu lado, já preexistia à moda no Brasil (58), o que era sempre ter campo aberto à novidade estrangeira. História que é "estória", "novel" e "romance". O conjunto de tendências dispare condicionando peculiar estrutura narrativa, que tento analisar ulteriormente.

E quem foi "Sinclair das Ilhas"? Um banido, figura essencialmente pré-romântica. Banido num espaço histórica e geograficamente determinado: na Escócia do tempo do rei Jaime I. Um chefe de clã, chefe por muito valor e bravura. Guerreiro e herói. Mas, igualmente "herói" *tout court*: o herói padronizado dos contos da carochinha (59). Órfão sem o ser; abandonado por mãe malvada; criado por tio valoroso. Outras provações ainda, e a recompensa, na pessoa de bela e fidalga donzela, que chega um dia à ilha de Barra, vestida de rapaz, atraída pela fama do valente e misógino herói. Este acaba cedendo ao encanto de Ambrosina. A destemida mocinha se transforma, mal se casam, em recatada, virtuosa e diligente esposa, e mãe extremosa de três filhos, sem falar no filho adotivo de Sinclair, peça fundamental do enredo. Transforma a rude fortaleza no lar mais aconchegante e o heróico Sinclair num perfeíssimo esposo e pai. O Riobaldo da Otacília, em suma.

Com o casamento não cessam as peripécias, que por vezes escurecem mas nunca alteram esse clima de paz e prazer domésticos. Os irmãos de guerra de Sinclair completam o ambiente; agregam-se à feliz família, iniciando as crianças em diversos modelos de virtude e heroísmo; eternamente solteiros, porque "não pode haver outra Ambrosina". A ilha selvagem dos proscritos torna-se singela mas harmoniosa opção de vida. Esta se desenrola num clima de fraternidade de clã, domesticada, onde contudo ainda ecoa a melancolia antiga dos banidos, quando sonhavam com glórias passadas e brindavam às futuras:

"Enchei bem vossos copos, exclamou Saint-Clair, e bebamos de uma vez; eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo de seus opressores. Todos acompanharam Saint-Clair e foi de roda a saúde." (60)

(58) Evoque-se a «Ninfa Olindense», a «triangularmente bela» dona Severa de Sousa, na Guerra dos Mascates, que julgava o mundo real e agia pelos padrões do Palmeirim, mais que leitura, breviário. Por outro lado, Macedo oferece bons exemplos de como a leitura de «romances velhos» indicava um divisor de águas de gerações. D. Violante, 61 anos, que «lê pela duodécima vez a História do Imperador Carlos Magno [...]» (O romance de uma velha, p. 82); dona Basília, 60 anos, que lê Carlos Magno e Reinaldo de Montalvão, ao passo que a sobrinha, a cujo sistema de educação se opõe, lê novelas. Rosa.

(59) Não é difícil ver que Sinclair, em parte, responde aos padrões do herói tradicional como os define Marthe Robert quando o relaciona com a «história familiar», segundo Freud, no seu estudo sobre os Contos de Grimm. (Sur le papier, Paris, 1967). Como também funcionam as análises de Propp (Morfologia do conto da carochinha) que tentei aplicar e, de certo modo, permitem avallar o grau de antigo e de novo. O antigo prendendo-se à tradição oral, que é da «estória».

(60) Transcrevo o trecho citado por Machado de Assis na versão portuguesa de A. V. C. de Souza, que foi a sua. Eis o mesmo trecho na edição do Rio: «Enchei os vossos copos, exclamou Saint Clair, enchei-os até a boca, e bebamos a virar; lá vai: 'à prosperidade dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo de seus opressores'. Todos beberão, e a saúde foi de roda» (capítulo 2, tomo 1, p. 9). E a p. 6, tomo 1, da Rolandiana de 1862.

*

Pode-se, pois, considerar resolvido o enigma *Sinclair*. Se este não fosse senão "uma nada insignificante", seria assunto encerrado. Mas o caminho que me permitiria matar a charada foi, na verdade, um desbravamento sucessivo de trilhas que iam levando menos a respostas que à colocação de um sem-número de questões. E provavelmente haverá uma que abarque todas as outras: *Por que Sinclair das Ilhas?*

Continua num próximo número...

*

P.S. *Um Sinclair italiano de 1967: Sinclair delle Isole, traduzione dal francese (...), Milano, 1967.*

Bela capa, vivamente colorida: um garboso Robin Hood apoia-se firmemente numa enorme espada e abraça mimosa e loura dama de roupagens medievais; na contracapa, um cavaleiro, armado, num torneio. Tudo bem medieval. E baratíssimo: 350 liras.

É o presente que acabo de receber; Jean Meyer o descobriu ao acaso, num passeio em Lucca, Itália. Disse-lhe o dono da lojinha onde o livro estava exposto em destaque, que o vendia, com muito sucesso, pela redondeza. Compravam-no aqueles que, *stanchi* de TV, queriam algo mais sério e instrutivo; este atendia bem à procura, pois tratava de coisas muito antigas que tinham acontecido lá na Escócia; e, além do mais, era *molto piacevole*.

O catálogo do editor, no fim do livro, inclui dezenas de títulos, e não é o catálogo completo (que pode ser enviado grátis), entre os quais: *O Idiota*, *Crime e Castigo*, *Os Irmãos Karamazov*, *Humilhados e Ofendidos*, *Ana Karenina*, *Genoveffa del Canonico Schmid*, *Teresa Raquin*, romances de Zevacco, Xavier de Montepin, *Ben Hur*, um Maupassant, Kipling, *O Mùlhão* de Marco Polo, *Naná*, e, também, *Il moderno segretario galante* e *Il libro dei sogni*.

Leitura em diagonal mostra que a tradução italiana recebeu tratamento análogo ao que P. J. (sic) Montolieu deu a Helme. Modernizou-o na perspectiva do leitor de histórias-em-quadrinhos: cenas cortadas, descrições mais curtas, abundância de diálogos, tudo, em suma, que acelere a leitura. O velho major já não encontraria o trecho de estimação. E a doce Ambrosina passa a chamar-se Patrizia, nome muito em voga entre as mocinhas italianas de hoje.

Informando-me a respeito, soube que há atualmente na Itália uma sede de leitura à qual vêm respondendo alguns editores que reeditam, a preços populares, clássicos italianos e estrangeiros. E o *Sinclair* foi visivelmente redescoberto nesse contexto de dar literatura culta ao povo.

GENÈVE, dezembro de 1970.